

FORMAÇÃO DOCENTE E A CONTRIBUIÇÃO DE TEORIAS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: FALA, LEITURA, ESCRITA

Raquel Espin de Oliveira Lucena

Ronaldo de Oliveira Batista

Apoio: PIBIC CNPq

RESUMO

No presente trabalho são apresentadas as principais teorias de aquisição da linguagem por meio de uma análise crítica de autores consagrados no mundo das letras. Baseando-se em tal análise, há a tentativa de aproximar os campos de estudo da linguagem com a atuação docente no ensino de línguas. Além disso, o artigo também se preocupa em apontar uma das teorias como a mais adequada para o ensino, levando em consideração as características biológicas e sociais relacionadas à prática dos níveis de ensino da Língua Portuguesa: fala, leitura e escrita, dispostos nos documentos oficiais que guiam o ensino no país. Esta proposta de iniciação científica coloca em diálogo os estudos linguísticos e a formação docente: uma interface linguística/ensino. Compreende-se que dessa maneira se destaca a relevância social do desenvolvimento da pesquisa, porque alia a prática científica ao preparo para uma atuação profissional futura que tenha impacto na sociedade.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem, Ensino, Funcionalismo

ABSTRACT

This article discusses the main theories of language acquisition through a critical analysis of renowned authors. Based on this analysis, there is an intention to bring the language fields of study closer to teaching languages. In addition, the study is also concerned with pointing out one of the theories as the most appropriate for teaching, taking into consideration the biological and social characteristics related to the practice of the Portuguese language teaching levels: speaking, reading, and writing, as set forth in the official documents that guide teaching in the country. This scientific initiation proposal puts into dialogue linguistic studies and teacher training: a linguistic/teaching interface. It is understood that in this way the social relevance of the development of research is highlighted because it allies scientific practice with the preparation for a future professional performance that has an impact on society.

Keywords: Language Acquisition, Education, Functionalism

INTRODUÇÃO

Por meio de uma pesquisa de natureza bibliográfica, este projeto propõe a revisão analítica e crítica de diferentes teorias de aquisição da língua materna, com a tentativa de apontar relações entre as teorias e o ensino de línguas. Além disso, apresenta uma busca por caminhos produtivos para a prática docente na educação básica (fundamental II).

No delineamento da proposta está o posicionamento de que um futuro docente de língua deve compreender teoricamente sua área de atuação. Não há professor sem conteúdo teórico. Metodologias ativas, inovações pedagógicas e recursos didáticos só se mostram significativos quando estão embasados em boas teorias.

Cabe ao professor conhecer essas teorias para que sua prática pedagógica e sua atuação didática sejam transformadoras no contexto de um ensino que forme cidadãos aptos a atuar criticamente na sociedade, por meio do uso da língua e das diferentes formas de expressão dos sentidos.

Proporcionar ao futuro docente, discente de um curso de licenciatura, a oportunidade de uma reflexão crítica sobre a atuação pedagógica é também uma das funções da iniciação científica, uma vez que:

Só se compreende educação enquanto forma de mediação histórica da existência humana, como uma luta em busca de condições sempre melhores de trabalho, de sociabilidade e de vivência da cultura simbólica. Portanto, ela só se legitima como mediação na construção da cidadania. (SEVERINO, 1994, texto de 4ª. capa)

As teorias de aquisição da linguagem, quando conhecidas por um docente de línguas, contribuem beneficentemente para o seu papel de ensinar um indivíduo a ler, escrever e comunicar-se verbalmente de maneira clara e intencional, respeitando o próximo e considerando a diversidade da vida em sociedade

No estudo dos textos teóricos serão apontados os pensadores que mais privilegiaram a educação e cooperaram para que hoje houvesse pesquisadores que estudassem a intersecção da área das letras e do ensino, tornando a pesquisa científica um braço da mudança cultural e social em contextos de necessidade.

A questão central e problematizadora que norteia este projeto é: *Como o conhecimento de teorias de aquisição da língua materna pode contribuir para a atuação docente no ensino de práticas de fala, leitura e escrita?*

Justificativa da proposta e relevância

Inicialmente se pode afirmar que uma proposta de iniciação científica evidencia sua relevância em termos de formação acadêmica. Por meio do desenvolvimento de uma pesquisa ancorada em teoria e procedimentos metodológicos, conhecimentos de um aluno de graduação se ampliam e vão além do restrito a conteúdos de disciplinas obrigatórias cursadas numa trajetória universitária.

Esta proposta de pesquisa, assim, se revela pertinente na medida em que contribui para que se possa compreender de modo mais aprofundado, além dos tópicos apresentados nas disciplinas curriculares, reflexões que podem se revelar frutíferas na formação acadêmica e na futura prática profissional.¹

Educar é transformar. No entanto, nem sempre essa equação que seria simples se efetiva desse modo. Professores despreparados, com formação universitária defasada, deixam, por falta de conhecimento teórico, de realizar a mais importante de suas ações como profissionais da educação: a formação dos alunos para o mundo, para a vivência na sociedade.

Essa vivência contempla a necessidade de um cidadão apto a falar², ler e escrever de forma significativa em vários setores sociais em que se insere e atua. Apenas uma educação transformadora e formadora (porque realmente oferece instrumentos para os alunos atuarem nas situações cotidianas da vida) pode cumprir tal objetivo.

Uma das etapas para que esse ciclo se complete significativamente é a formação docente adequada. Um aluno de licenciatura pode alcançar essa formação quando alia o cumprimento de disciplinas curriculares e a obtenção de créditos e notas a práticas de pesquisa científica. Forma-se, assim, um aluno professor-pesquisador. Um dos primeiros passos para que se possa ter um futuro profissional consciente da sua importante atuação social.

Entende-se que nesse sentido está a relevância social desta proposta de pesquisa, cujo impacto se dará diretamente na formação docente, ainda carente de um olhar mais cuidadoso que vá além do cumprimento de um currículo obrigatório. Oliveira e Wilson concluem nossa reflexão a respeito dessa formação:

[...] um dos momentos em que os estudos linguísticos têm tentado contribuir no sentido de que seus resultados de pesquisa possam ter um retorno social, um caráter maior de

¹ Essa primeira justifica é comum a uma série de trabalhos de iniciação científica orientados pelo professor responsável pela proposta, que entende ser a iniciação a uma prática de pesquisa relevante porque é uma etapa de uma formação completa dos alunos em um curso universitário.

² Entende-se por “fala” o uso das línguas na sua modalidade oral.

“utilidade pública”, digamos assim, é justamente quando estão voltados para as questões relativas ao ensino de língua, seja esta materna (L1) ou estrangeira (L2). (OLIVEIRA; WILSON, 2009, p. 235)

Por fim, justifica-se ainda a relevância desta proposta de iniciação científica pela possibilidade de aprofundamento em estudos que recuperam uma tradição de pesquisas sobre a natureza da linguagem humana e suas formas de aquisição e desenvolvimento nas crianças e jovens. Esse diálogo entre tradições possibilita à aluna-pesquisadora o contato com uma bibliografia clássica e atual que permitirá compreender alguns dos rumos de uma área de estudos reconhecidamente plural em seu aspecto teórico-metodológico.³

Objetivos da pesquisa

O objetivo geral é analisar criticamente o papel de teorias de aquisição da linguagem na formação de um docente de língua, no que se refere ao ensino de práticas de fala, leitura e escrita.

Para alcançar esse objetivo geral, delimitam-se os seguintes objetivos específicos:

- a) estabelecer as unidades fundamentais do ensino de língua em torno de práticas de fala, leitura e escrita;
- b) rever criticamente teorias de aquisição da língua materna;
- c) comparar diferentes teorias de aquisição da língua materna em relação a sua contribuição (direta ou indireta) para o ensino de língua;
- d) refletir a respeito do papel do conhecimento de teorias de aquisição de linguagem na atuação docente em relação ao ensino de práticas de fala, leitura e escrita.

Referencial Teórico

O campo de Aquisição da Linguagem apresenta-se como um componente fundamental na teoria psicolinguística, que engloba diversas ramificações de estudo. Tal campo extrai conhecimentos da relação linguagem e cognição e explora amplamente os mecanismos cerebrais e mentais que atuam no aprendizado da língua materna (cf. SLOBIN, 1980).

A Aquisição da Linguagem (para muitos uma das áreas da Psicolinguística) se propõe a pesquisar o processo pelo qual passa todo ser humano, buscando expender como uma criança sai de um estado de ausência de expressão verbal e, sem necessidade de uma escola

³ Também essa justificativa é comum a uma série de trabalhos de iniciação científica orientados pelo professor responsável pela proposta, que compreende que algumas das etapas da iniciação é o contato com uma bibliográfica que amplia o conhecimento dos jovens pesquisadores.

ou de apostilas, incorpora a linguagem de sua comunidade. O que acontece desde seus primeiros balbucios até suas longas frases formadas é o que o campo da Aquisição da Linguagem procura investigar e explicar.

A temática da cognição na teoria linguística aborda a associação entre a linguagem e o mecanismo perceptual-cognitivo do ser humano. Esse mecanismo é individual, mas fortemente influenciado pelo contexto cultural. Como exemplo, imagine uma criança de 2 anos cujos familiares andam de ônibus diariamente e, portanto, são afetados negativamente quando chove. Outra criança da mesma idade vive em uma casa com uma grande horta que sustenta sua família, a qual é afetada positivamente pela mesma chuva. Ambas são diariamente submetidas e estimuladas pelas percepções de mundo das pessoas com quem vivem e, por razão de seus contextos, perceberão cognitivamente o mundo de modos diversos.

A criança 1, ao escutar os pingos no vidro da janela, provavelmente repete algo negativo que a mãe fala quando escuta a chuva. Já a criança 2 provavelmente aceita a chuva como fator abençoador e repete um agradecimento que sua avó sempre faz ao ouvir os trovões. As distintas reações comprovam a atuação da realidade cultural e social sobre o mecanismo perceptual-cognitivo de cada criança, que atuará também em seu processo de aquisição da linguagem. O campo da aquisição, então, pesquisa os fenômenos, fases e maquinismos externos e biológicos envolvidos no aprendizado da primeira língua.

A aquisição da linguagem não é caótica, aleatória. Há idiosincrasias e erros, mas estes são em bem menor número do que se pode supor. O fato de as crianças, por volta dos três anos, serem capazes de fazer uso produtivo de suas línguas suscita a questão de como essas línguas são aprendidas, adquiridas. É a essa questão que as teorias de aquisição tentam responder. (SANTOS, 2002, p. 216)

Metodologia

Material de análise

Como se trata de uma pesquisa baseada em um método qualitativo, histórico e comparativo, definido por sua natureza bibliográfica, o material de análise é composto por um conjunto de livros e outros materiais (que incluem artigos e trabalhos de mestrado e doutorado) que serão lidos criticamente pela aluna-pesquisadora. Essa leitura é a importante para que os objetivos específicos apontados sejam executados satisfatoriamente.

Assim, não há exatamente um *corpus* de análise como tradicionalmente se reconhece em uma pesquisa. Esse *corpus* é o conjunto de textos a serem lidos, fichados e estudados pela aluna, como é a natureza do material de uma pesquisa de natureza bibliográfica.

Etapas de análise

Esta proposta de pesquisa é de natureza metodológica qualitativa, partindo-se de uma pesquisa bibliográfica para aprofundamento nas questões teóricas que envolvem o problema selecionado para investigação.

Posteriormente ao aprofundamento teórico, serão realizadas as etapas de pesquisa do projeto explicitadas a seguir.

O desenvolvimento do projeto contempla as fases de seleção de fragmentos de textos que permitirão a análise de diferentes teorias de aquisição de linguagem.

Após essa seleção, será feita a descrição das unidades de ensino da Língua Portuguesa. Em um primeiro momento descritas por meio do acesso a diretrizes públicas de ensino, parâmetros curriculares e bases nacionais de educação.

Na sequência, serão elaboradas interpretações pela aluna-pesquisadora procurando argumentar quais teorias podem ser úteis para o professor da educação básica (ensino fundamental II) na transmissão didática de aspectos da língua relativos à fala, à escrita e à leitura. O desenvolvimento da pesquisa após essa etapa se dá em termos de elaborações de sínteses interpretativas a partir da análise realizada.

DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Teorias de aquisição da linguagem

Uma teoria de aquisição da linguagem constitui-se na proposta científico especulativa para tentar responder à seguinte questão: como uma criança adquire, aprende ou incorpora a primeira língua? Elas vêm sendo desenvolvidas ao longo de anos e ainda recebem contribuições científicas por parte de estudiosos da área. Diferentes autores, sob diferentes perspectivas, apresentaram hipóteses de aquisição para tentar explicar tal questão de cunho biológico, linguístico e social.

As teorias de aquisição da linguagem, primariamente, giram em torno do grande debate Inato X Adquirido, ou *Nature X Nurture*, seguindo as raízes históricas do Racionalismo X Empirismo.

Teorias de aquisição do lado Inato seguem e privilegiam, em suma, o pensamento de que a linguagem é uma faculdade inata ao ser humano, que nasce com ele. Ligado a essas teorias está o Racionalismo de Platão, privilegiando as verdades inatas ou *a priori*.

Já as teorias do lado Adquirido seguem e privilegiam, em suma, que a linguagem é uma habilidade adquirida ao longo do tempo e das experiências vividas pelo ser humano. Associado a essas teorias está o Empirismo de Aristóteles, destacando que as experiências e influências externas produzem conhecimento. Uma teoria de aquisição da linguagem antepõe o pensamento racionalista ou empirista em detrimento do outro, a fim de fundamentar sua tese sobre a aquisição da linguagem.

As teorias mais conhecidas são: Inatismo, Behaviorismo, Interacionismo e Socio-interacionismo.

O Behaviorismo ou Comportamentalismo segue a visão empirista, pois sua tese é que a criança adquire a linguagem com base em suas experiências com o meio. Para Skinner, teórico ligado ao Behaviorismo, a cognição humana era apenas um comportamento, e, portanto, a linguagem também.

Nessa teoria, a linguagem se configura em um comportamento humano adquirido por meio da prática empírica, a imitação e repetição. As crianças, portanto, aprenderiam a se comunicar por imitar os adultos, que têm papel regulador e condicionante em todo o processo. De acordo com Santos (2002), Skinner propunha adiantar e controlar o comportamento verbal por meio de variáveis comportamentais (estímulo>resposta>reforço).

Segundo tais variáveis, um estímulo externo provoca uma resposta do indivíduo infantil. Se essa resposta for reforçada positivamente, o comportamento tende a se manter. Caso contrário, o comportamento da criança tende a desaparecer. Se não houver reforço, o comportamento tende também a desaparecer.

Para Skinner, a aquisição linguística é semelhante a outros aprendizados e depende quase totalmente do adulto, enquanto a criança desempenha papel passivo.

Em contraponto, a teoria Inatista segue o campo do Racionalismo, uma vez que defende ser a aquisição da linguagem um resultado de operações racionais próprias do ser humano.

O Inatismo propõe que a linguagem é uma faculdade específica da mente humana, sendo desenvolvida em contato com o exterior, mas com base no mecanismo interno de aprendizagem da língua.

Nessa teoria, o adulto é responsável por disparar o dispositivo inato de aquisição na criança por meio da interação com ela, tendo, portanto, um papel mais passivo que em outras teorias.

Tal faculdade específica no cérebro humano remonta a Noam Chomsky em sua defesa do dispositivo de aquisição da linguagem e da gramática universal como elementos biológicos e linguísticos eminentemente inatos.

No que diz respeito à capacidade de comunicar-se, a teoria defende que nasce com o ser humano e vai se desenvolvendo por seu contato com o mundo externo, por meio do disparar das interações. No Inatismo, destarte, a criança desempenha papel de independência em sua aquisição linguística, se comparado a outras teorias.

Já na teoria Interacionista dos cientistas Vygotsky e Piaget, o inato a um ser é sua capacidade cognitiva global. Ou seja, não há uma faculdade específica da linguagem como em outras teorias, mas uma pré-disposição, um modelo cognitivo inato que permite a aquisição da linguagem.

Segundo o Interacionismo ou Construtivismo, a criança constrói seu pensamento e sua capacidade cognitiva pela interação que tem com o ambiente.

Na aquisição da linguagem, defende que ela ocorre após o primeiro ano de idade, quando a criança começa a compreender a intencionalidade dos atos comunicativos, os quais já existem desde seu nascimento.

Assim, a criança percebe que um adulto está interagindo com ela por meio da linguagem e, ao interagir com o meio, adquire a linguagem. Nessa teoria o adulto tem papel quase nulo e a criança, quase autônomo, além de que a linguagem seria usada como meio para o ser humano conquistar o que precisa e deseja.

Em alguns contrapontos, a teoria Sociointeracionista se difere da anterior. Vygotsky caminha para um lado que privilegia o interlocutor ao invés do meio nas interações humanas, ao contrário de seu mestre Piaget.

Para ele, toda a cultura é social, uma vez que é produto da vida e da atividade social do indivíduo. Sendo assim, a linguagem e sua aquisição também são fruto da atividade social do indivíduo.

Dessa forma, o adulto possui papel fundamental desde o nascimento da criança. O adulto não é regulador como no Behaviorismo e nem passivo como no Inatismo, mas interage ativamente e intencionalmente com a criança a fim de que ela aprenda.

Um desses aprendizados é o desenvolvimento da competência linguística. No Sociointeracionismo, linguagem e pensamento continuam estritamente ligados, fazendo parte de um modelo cognitivo global, porém, o adulto possui papel mediador e é um agente intencional, assim como a criança, na troca comunicativa e na aquisição da linguagem.

Vygotsky e o ensino de línguas

Lev Semionovitch Vygotsky foi um prestigiado pensador que contribuiu para os estudos nas áreas da psicologia, linguística, fonoaudiologia, educação, ciências sociais, e muitas outras.

A necessidade de explicar comportamentos complexos levou o autor a pesquisar não somente como uma criança adquire a primeira língua, mas como uma criança aprende a pensar sozinha e, conseqüentemente, a falar.

A cognição e o raciocínio, assim, são também objetos de análise de Vygotsky e dão sustentação para a abordagem linguística do fato, observando o papel do conhecimento psíquico adquirido na aprendizagem da língua.

Seus estudos dão conta de abordar como ocorrem as primeiras estruturas de conhecimento com base na experiência da criança com o mundo físico e com o seu semelhante, fazendo parte do que se chama construtivismo, uma vez que se detêm a

estudar a cognição humana construída ao longo da infância, por meio da troca interacional entre criança e adulto.

Analisando as estruturas de poder da sociedade, como a família, é ainda recorrente a ideia de que crianças nascem sabendo algumas das conceituações, dos comportamentos e regras que os indivíduos dominam na fase adulta.

Entretanto, o construtivismo não corrobora com tal pensamento, pois defende que a construção do conhecimento por parte de todos os seres humanos se dá de forma gradativa e temporal, por meio de uma série de interações do sujeito e, especificamente, da criança com o meio.

Para Vygotsky, assim como para Piaget, o sujeito constrói estruturas de conhecimento com base no mundo físico em que está inserido.

Ao interagir com o meio e reagir biologicamente e socialmente a ele, no momento dessa interação, há a construção de conhecimento. Portanto, também se constrói a linguagem?

A teoria interacionista de Lev Vygotsky baseia-se na interação verbal, no diálogo da criança com o adulto e, nesse sentido, ocorre o desenvolvimento da linguagem e do pensamento.

A troca comunicativa desempenha papel regulatório na aquisição da linguagem, sendo instrumento de aperfeiçoamento linguístico e social em um indivíduo. Daí o termo “sociointeracionismo” proposto pelo pensador, sustentando que todo conhecimento se constrói socialmente pela aprendizagem na relação com os outros.

O adulto teria então um lugar fundamental no processo de aquisição da linguagem, servindo como regulador e mediador das informações e estímulos que a criança recebe do meio.

Nas experiências diárias e comuns de um bebê com o seu cuidador, por exemplo, é que ele se desenvolve intelectualmente e aprende com o outro (adulto) aquilo que no futuro, construindo sua cognição e compreensão de mundo, será capaz de fazer e falar sozinho.

Como nos exemplos da introdução, a criança adquirirá a linguagem e pensará num determinado signo de acordo com as suas interações sociais e trocas comunicativas que envolveram essa palavra. Pensemos que para um adulto, com papel regulador na comunicação, a palavra “diversidade” é carregada de significados negativos, lhe causando má impressão.

Observando sob a ótica do sociointeracionismo, a concepção do adulto sobre a palavra será passada para a criança, de forma gradual, por meio da interação nas trocas comunicativas.

Conforme Vygotsky, a criança deve passar por quatro fases de desenvolvimento de operações mentais.

São elas: natural ou primitiva (fala pré intelectual e pensamento pré-verbal), psicologia ingênua (inteligência prática), signos exteriores (fala egocêntrica ou falar sozinho) e crescimento interior (internalização das operações externas).

Essas fases foram organizadas para explicar a temporalidade no desenvolvimento biológico da criança, passando pelo início, em que os primeiros sons do bebê são dissociados do pensamento, até a fase em que as estruturas construídas externamente pela criança são internalizadas em representações mentais, tornando possível para a criança a compreensão da intenção do adulto nos diálogos.

Assim sendo, o sociointeracionismo preocupa-se da mesma forma em explicar a função de um adulto como tutor de um sujeito que está construindo o saber. Diferente de Chomsky, que não aborda com precisão essas questões de ensino, e de Skinner, privilegiando o aprendizado com base no comportamentalismo empírico, Vygotsky propõe um ensino baseado em interações constantes e intencionais, estabelecendo uma relação de respeito entre tutor e aprendiz.

Teoria Funcionalista

Na década de 1970, em Portugal, a influência do funcionalismo chegou até as autoridades linguistas e educacionais, atribuindo ao ensino de língua materna no país (português) o nome “comunicação e expressão”, para referenciar o ensino no âmbito do “primeiro grau”, o que atualmente denomina-se “ensino fundamental”.

Por conta desta nova tendência, os livros didáticos passaram a incluir em seus exercícios um detalhamento dos elementos envolvidos na situação comunicativa -emissor, receptor, código, mensagem, canal e contexto.

Uma outra vertente de concepção da linguagem baseada no funcionalismo foi a pragmática, marcada pelas lentes que enxergam a linguagem como um fenômeno decorrente dos processos de interação humana.

De modo geral, é possível afirmar que a pragmática não se interessa pela forma convencionalmente concebida por “certo e errado” na linguagem. Mas, em detrimento das estruturas formais das línguas, dá lugar ao uso final e funcional das línguas nas enunciações.

Com o crescimento exponencial dessas teorias, as interações envolvidas nas trocas linguísticas eram não somente consideradas na academia, mas também nas salas de aula.

Com base na atuação desses estudos, principalmente do funcionalismo, há o tratamento da língua como um fenômeno de comunicação e expressão. Na sala de aula, isto significa que a rigidez estrutural do ensino de língua era aos poucos substituída pela ótica da utilidade do uso da linguagem.

Os professores poderiam, então, ensinar seus alunos a se comunicar de forma que atenda às suas necessidades e às necessidades da sociedade que os cerca.

Funcionalismo e o ensino de línguas

Segundo Geraldi (1997), há uma importante indagação a ser feita por todos os docentes de letras: Para que os alunos aprendem o que aprendem nas salas de aula de língua?

Conforme mencionado acima, há diversas formas de pensar e compreender a aquisição da linguagem. Todavia, em termos de educação, é necessário que haja uma visão funcionalista e orgânica da língua se a base formadora do aprendizado for uma experiência de socialização e interação do aluno com outros indivíduos.

Tomando como exemplo a Língua Portuguesa, é de extrema curiosidade observar que professores de diferentes áreas do Brasil usam metodologias em sala de aula que privilegiam os traços culturais de sua região, pois poderão atender seus alunos de forma específica e muito mais eficaz.

Numa escola Amazônica, quando for ensinado sobre textos argumentativos, por exemplo, provavelmente os alunos terão como proposta temas que atendam à sua realidade sociocultural e com seu vocabulário regional próprio, incluindo seus costumes, crenças culturais e religiosas, hábitos cotidianos, e demais traços particulares. Caso contrário, o trabalho do professor poderá ficar menos fluido e mais pesado, além de não haver para todos aqueles alunos, que têm em comum a região onde residem, a verdadeira concretização da aprendizagem dos conceitos da Língua Portuguesa.

Já numa escola Rio grandense, no Sul do país, os alunos devem aprender sobre oração subordinada substantiva com exemplos que condigam com a vida que levam e com a forma de seus padrões convencionais de expressão. Não é útil e ainda menos pedagógico valer-se de exemplos que não tenham conexão alguma com a realidade dos alunos.

De tal forma, para haver a genuína concretização do ensino de línguas, a língua não pode ser observada e ensinada por uma visão estruturalista, mas sim sob um prisma funcionalista, que coloca em destaque a prática docente voltada ao uso diário da linguagem, às trocas comunicativas diárias de nossas crianças.

A língua vista sob o caráter funcional quer dizer que atende às finalidades específicas a que está sendo proposta. Por muitos anos a educação mundial não se

preocupou com essas questões, havendo a incompreensão de tal proposta e o impedimento do aprendizado de muitos alunos.

Pensando sobre as unidades de ensino de Língua Portuguesa, é factível observar que há alguns anos passaram a adotar a estrutura gramática, leitura e escrita. Segundo Godoy e Dias (2014), a linguagem desempenha um papel central em todos os aspectos da vida humana.

Como tornar-se um professor sem considerar que, frequentemente, em sua atuação profissional, há o dever e o desafio de ensinar uma pessoa a ter o domínio de sua própria linguagem?

Em seus estudos sobre o tema da psicolinguística e aprendizagem de línguas, Elena Godoy e Luzia Dias, pesquisadoras brasileiras da linguagem, abordam as questões de ensino como temas cruciais num país como o Brasil, ainda com questões educacionais a serem observadas com atenção e tratadas eficazmente.

De acordo com as autoras, para ensinar baseando-se nas teorias estruturalistas e tradicionais de ensino, a norma culta deve ser tida como parte inegável e basilar na formação do aluno de educação básica.

Métodos ligados a repetição e até castigos físicos estão na história do ensino brasileiro de gramática devido à complexidade tal da matéria de línguas e à pouca maturidade da criança em discernir o que lhe será útil no uso da linguagem.

Ponderando tais ancestralidades da educação, é possível estabelecer relação com o que Lev Vygotsky argumenta sobre a maturidade cognitiva de um ser humano na infância.

Ele propõe que até determinada idade, a criança não possui capacidades biológicas e sociais para interiorizar os estímulos que a cercam, sendo o papel do adulto desempenhar a função de agente mediador na comunicação e na prática pedagógica, que não poderia ser diferente.

As frentes de ensino de Língua Portuguesa transformaram-se durante os anos, mas configuram-se nas faculdades de habilidades básicas do ensino da língua propostas nas legislações brasileiras de educação.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Brasil apresenta dificuldades no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Godoy e Dias (2014) apontam que alguns desses problemas encontram-se na existência de preconceitos sociolinguísticos que ainda existem na sociedade brasileira e no ensino das escolas de educação básica.

Ainda, há o privilégio de formas tradicionais nos livros didáticos em contraponto com materiais que sejam mais modernos e atendam às necessidades dos alunos, além de metodologias ativas no ensino de línguas que tragam as vivências do mundo real, dinâmico e globalizado para dentro da sala de aula.

A influência da abordagem sociolinguística, ou “variacionista”, no ensino de língua materna no Brasil tem história mais recente e eficaz, em uma visão geral, a partir do final do século XX. Há inúmeros autores que publicaram estudos sobre sociolinguística e sala de aula, citando e abordando os aspectos que dizem respeito às variações no uso da língua e sua relação direta com o ensino.

Quando as aulas de Língua Portuguesa se propõem a estudar e analisar diferentes usos linguísticos como gírias, jargões, ditados populares e expressões regionais brasileiras, assume-se uma concepção formalista de ensino e atrai a atenção e o gosto dos alunos, principalmente os adolescentes.

Na proposta das autoras Godoy e Dias (2014), há um livro didático pensado especialmente para que alunos de ensino fundamental II possam aprender sobre os níveis textuais por meio de expressões artísticas que os cercam e os interessam, como os HQs e os filmes.

No ensino fundamental II há um especial fenômeno de impedimento do interesse dos alunos pelas aulas de Língua Portuguesa. Isso pode acontecer por diversos motivos, que passam por diferentes desafios da educação no Brasil.

Entretanto, é possível que haja boas propostas metodológicas em sala de aula que coloquem em primeiro lugar o aprendizado do aluno, que será produzido durante o ano letivo.

Pensado nisso, as teorias empíricas de comportamentalismo não funcionam para plantar o real interesse nos alunos. As teorias educacionais desumanas e ultrapassadas, como a palmatória e os castigos físicos também não contribuem para que um adolescente se interesse por ter o domínio do uso de sua língua materna.

Assim sendo, é necessário que tais concepções linguísticas previamente citadas como defensoras do caráter funcional da linguagem, sejam consideradas e cada vez mais implementadas na educação brasileira.

Assim sendo, construirão o saber de forma guiada e intencional, além do fato de estarem preparados para futuramente se comunicar adequadamente na sociedade, seja numa festa de faculdade ou numa entrevista de emprego.

O funcionalismo de Vygotsky aplicado ao ensino de língua abre passagem para o aprendizado de leitura, escrita e fala de forma factual e profícua.

Privilegiando a construção do saber de forma intencional e respeitosa, a concepção privilegiada aqui é a que propõe mudança verdadeira nos níveis de expressão social, cultural, política e econômica de uma sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o estudo proposto até então, conclui-se que a teoria que mais se adequa ao ensino de línguas é o interacionismo de Vygotsky, diferindo das outras teorias que não prestigiam o desempenho independente do aprendiz na prática das capacidades linguísticas da fala, leitura e escrita, conectado ao papel mediador do adulto e do professor, que são os interlocutores mais experientes na troca comunicativa e na construção do conhecimento linguístico.

Os estudos de Vygotsky contribuíram para que a criança fosse vista como capaz de construir um sistema cognitivo e comunicar-se de maneira útil, seguindo suas necessidades, sendo destacada a importância da presença do outro para tal construção.

As demais contribuições de teorias aquisição da linguagem também foram instrumentos relevantes para a expansão e o enriquecimento dos conhecimentos relativos à linguística, educação, e diversas outras áreas.

A teoria gerativista, por exemplo, indicava a linguagem como capacidade inata do ser humano, tendo como biologicamente herdada a faculdade específica da linguagem e uma gramática universal. Para o autor, essa GU (gramática universal) consiste em uma matriz biológica comum a todos da espécie humana. Essa foi uma soma de extrema importância aos estudos psicolinguísticos, que deu base para diversas teorias que exploram a linguagem e a cognição humana.

Outra grande contribuição foram os feitos do psicólogo Skinner, baseando-se no comportamentalismo, que defendeu a linguagem podendo ser adquirida da mesma forma que qualquer outro hábito humano, ocorrendo por meio de estímulos recebidos do meio. De acordo com os estímulos, as respostas e os reforços, haveria então a aquisição da linguagem. Em termos de ensino, por muito tempo sua teoria foi aceita e utilizada em sala de aula, mas atualmente ela não propõe um modelo que seja satisfatório e útil na docência, já que privilegia o caráter comportamental do sujeito e não se preocupa no detalhamento e incentivo da troca conhecimentos, como realmente ocorre nas experiências humanas, seja no ambiente escolar ou nos demais.

Não é desprezada ou descartada a ampla relevância de tais teorias. Pelo contrário, pontua-se que para seus fins temporais e atemporais, foram extremamente valiosas para a história.

Entretanto, no âmbito educacional, como docentes de língua, deve haver uma especial contemplação das teorias científicas que sirvam com utilidade e eficácia as instâncias da educação.

A teoria sociointeracionista vale-se do aprendizado pela mediação do outro. Assim sendo, não há como separar a aquisição da linguagem do pleno exercício humano nos múltiplos papéis sociais que os seres, sejam adultos ou crianças, desempenham em seu meio.

Seguindo a mesma abordagem e visão pragmática, o funcionalismo caracteriza o fenômeno linguístico como produto da interação humana, da atividade sociocultural.

Em uma análise bibliográfica e teórica dos textos lidos para a execução deste trabalho de conclusão de curso e a defesa da presente tese, conclui-se que por meio da concepção funcionalista é possível que linguistas, professores e estudiosos de tantos outros campos das ciências sociais possam dialogar com educação, cidadania e formação de pensamento crítico desde a mais tenra idade, nas escolas, através do ensino de fala, leitura e escrita.

Assim sendo, formar-se-á uma sociedade de pessoas cada vez mais habilidosas nas formas de expressão, verbal e não verbal, e conseqüentemente, mais evoluídas nas questões humanas, em suas mais diversas áreas de atuação real.

REFERÊNCIAS

- DEL RÉ, A. (org.) *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FINGER, I.; QUADROS, R.M. (org.). *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- GODOY, E.; DIAS, L.S. *Psicolinguística em foco: linguagem, aquisição, aprendizagem*. São Paulo: Intersaberes, 2014.
- GROLLA, E.; SILVA, M.C.F. *Para conhecer aquisição da linguagem*. São Paulo: Contexto, 2014.
- GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KAIL, M. *Aquisição de linguagem*. São Paulo: Parábola, 2013.
- OLIVEIRA, M.R.; WILSON, V. Linguística e ensino. In: MARTELOTTA, M. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 235-250.
- SANTOS, R.S. A aquisição de linguagem. In: FIORIN, J.L. (org.). *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. São Paulo, 2002. p. 211-227.
- SEVERINO, A.J. *Filosofia da educação: construindo a cidadania*. São Paulo: FTD, 1994.
- SLOBIN, D. *Psicolinguística*. São Paulo: Nacional, 1980.

Contatos: raquelespinl@gmail.com e ronaldo.batista@mackenzie.br